

MARIA LÚCIA DE ARRUDA ARANHA E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*Maria Lucia de Arruda Aranha and the History of Education*Maria Helena Camara Bastos¹**RESUMO**

Tomando os manuais como instâncias de produção e de circulação de saberes de uma disciplina ou campo de conhecimento, é possível identificar as permanências e marcas que ainda hoje definem a disciplina História da Educação nos cursos de formação de professores. O artigo analisa a produção, circulação e apropriação do manual de autoria de Maria Lúcia de Arruda Aranha, intitulado História da Educação, publicado pela Editora Moderna, com três edições (1989, 1996, 2006). Aborda a trajetória da autora e sua inserção no campo educacional; a história da obra - da materialidade ao conteúdo, da edição à circulação -; e a contribuição para a disciplina. Foca a importância da História da educação e da Pedagogia; os temas abordados, a partir do índice e/ou sumário de cada capítulo; as referências bibliográficas; “os drops”; as leituras complementares e as atividades sugeridas.

Palavras chave: Manuais Didáticos; História da Educação; Formação de Professores.

ABSTRACT

Taking the manuals as examples of production and of circulation of known items of a discipline or field of knowledge, it is possible to identify the long-standing aspects and features that still currently define the discipline of History of Education in teacher education courses. The article analyzes the production, circulation, and appropriation of the manual authored by Maria Lúcia de Arruda Aranha, entitled História da Educação (History of Education), published by Editora Moderna, with three editions (1989, 1996, 2006). The article deals with the trajectory of the author and her entry in the field of education, the history of the work – from materiality to content, from publishing to circulation; and the contribution to the academic discipline. It focuses on the importance of History of Education and of Pedagogy; the themes dealt with, based on the table of contents and/or summary of each chapter; the bibliographical references; the “drops”; the complementary readings; and the suggested activities.

Keywords: Teacher’s Manuals; History of Education; Teacher Training.

Introdução

Tomando os manuais como instâncias de produção e de circulação de saberes de uma disciplina ou campo de conhecimento², é possível identificar as permanências e

¹ Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo, com estágio de pós-doutorado concluído no *Service d’histoire de l’éducation*, em Paris, França. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pesquisadora do CNPq e da Fapergs. E-mail: mhbastos@puers.br

² Os manuais escolares são reveladores daquilo que constitui o duplo movimento contraditório da disseminação de conhecimentos elaborados no interior de uma disciplina. Os manuais de pedagogia – cursos, tratados, lições – tiveram a função de iniciar os alunos da Escola Normal na “nova ciência da educação”, isto é, (in)formar e inculcar os valores de

marcas que ainda hoje definem a disciplina História da Educação nos cursos de formação de professores. Os *livros-texto*, pelo conteúdo e estrutura, sinalizam para uma tradição disciplinar adotada ao longo do século XX e, ainda hoje, presente. Os manuais são dispositivos discursivos que nos permitem apreender o universo da História da Educação tal como é concebido e ensinado. Também é uma fonte privilegiada para analisar a cultura escolar e disciplinar as práticas escolares.

Em outro estudo (BASTOS, 2006), sinalizamos para a necessidade de aprofundamento analítico de cada um dos manuais que circularam/circulam no Brasil, nacionais e estrangeiros, tendo em vista a complexidade do objeto. Um tópico, que merece um olhar mais atento, é o conceito de educação e história da educação postos em circulação pelos autores na seção “introdução” dos manuais. Ao mesmo tempo, salientávamos a necessidade de analisar as produções de manuais para a disciplina, da década de 1960 até hoje, especialmente as mais recentes produções³.

Prosseguindo nas pesquisas sobre os manuais de História da Educação, que contribuíram para a constituição do campo no Brasil, no presente estudo analisaremos a produção, circulação e apropriação do manual de autoria de Maria Lúcia de Arruda Aranha, intitulado História da Educação, publicado pela Editora Moderna⁴, cuja primeira edição é de 1989 (287 p.). Em 1993/1996 tem uma segunda edição, revista e ampliada (255 p.), o mesmo ocorrendo em 2006, mas com a ampliação do título – História da Educação e da Pedagogia: Geral e Brasil (384 p.), acompanhada de DVD com animações. Escrito para uso nos cursos de Magistério (ensino de 2º Grau/Ensino Médio) e de Graduação (Pedagogia), atualmente é adotado como referência em programas de ensino da disciplina de graduação; trabalhos de científicos (monografias, dissertações, teses); bibliografia de referência de concursos de professores, tanto para o ensino básico como superior; em artigos de revistas.

Maria Lúcia de Arruda Aranha nasceu em Três Lagoas, Mato Grosso do Sul. Formada em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), lecionou para o Ensino Médio, em escolas da rede pública e particular, até se aposentar. Em 1986, em parceria com Maria Helena Pires Martins, publica a obra “Filosofando - introdução à filosofia”, atualmente em 3ª edição, inaugurando uma longa atuação junto à Editora Moderna, como autora e coordenadora de coleção. Também publica as obras: “Temas de Filosofia” (em co-autoria Maria Helena Pires Martins, em 3ª edição revista e ampliada/2003); “Filosofia da Educação” (2ª edição, 1996); “Maquiavel, a lógica da força” (2ª edição/2006); “Guia Prático para o professor – Ética e cidadania na sala de aula” (2ª

um sistema público de educação. Dessa forma, são manuais de profissionalização que visam fundar práticas profissionais em conformidade com um modelo, de forma prescritiva e útil (ROULLET, 2001, p.7). Para Correia e Peres (2001, p.197), os manuais ou livros de texto participam da “gramática da escola” e definem o território dos discursos pedagógicos e curriculares.

³ Por exemplo: História da Educação do Brasil: Hilsdorf (2003); Ghiraldelli (1990; 2003); Xavier, Ribeiro, Noronha (1994); Stephanou & Bastos (2004/2005), etc.; História da Educação e/ou Pedagogia: Gadotti (1993); Cambi (1999); Pilleti (1993); Aranha (1989); Ferreira (1996/2001); Sebarroja (2003).

⁴ Fundada por Ricardo Feltre e mais dois professores em 1968, iniciou com livros para 2º grau, na década de 1980, livros infantis e ocupa atualmente lugar de destaque na literatura didática. São Paulo/SP. Em 2001, passou a integrar o Grupo Santillana, que atua na Europa e nas Américas (HALLEWELL, 2005, p. 471).

edição/2002); “Qual é a graça? O bom e o mau do humor” (2001); “A praça é do povo. Política e cidadania” (2001); “A bússola e a balança. Para um mundo mais justo (2001)⁵. Essa intensa produção e atuação junto à editora Moderna permite aquilatar a circulação e a apropriação de suas obras⁶, adotadas como referência tanto para o ensino da Filosofia como de História da Educação⁷.

O estudo objetiva realizar uma *biografia* da obra, analisando a inserção do autor no campo educacional; a história da obra - da materialidade ao conteúdo, da edição à circulação -, e a contribuição para a disciplina História da Educação. A pesquisa foca a importância da História da Educação e da Pedagogia definida pela autora; os temas abordados, a partir do índice e/ou sumário de cada capítulo; as referências bibliográficas, a fim de perceber a vinculação ou não com os manuais modelos e/ou mais tradicionais; “os drops”, as leituras complementares e as atividades sugeridas. A ideia é analisar as permanências e descontinuidades, a apropriação das novas temáticas de pesquisa da área, voltadas à história cultural, compreendendo o que há de *histórico* no movimento das ideias, isto é, como a educação e a pedagogia são pensadas pela autora e como circulam.

O manual em sua materialidade

Para Magalhães (2011, p. 31), um manual escolar, em geral, “prefigura um perfil pedagógico e cognoscente” do leitor, pelo que apresenta como estrutura, “com textos organizados e orientações de leitura e exploração”. Considera que “na origem da produção autoral e editorial do manual está um complexo constituído pelos parâmetros: informação, adaptação, acessibilidade, conveniência pedagógica-didática”. A partir dessas premissas, nesta seção abordaremos os aspectos formais da obra de Aranha em suas três edições: 1989, 1996 e 2006.

Quadro 1. Elementos da materialidade dos manuais

	1989 - 1ª edição	1996 - 2ª edição	2006 - 3ª edição
Título	História da Educação	História da Educação	História da Educação e da Pedagogia Geral e Brasil
Formato	21 x 14 cm	23,5 x 16,5 cm	24 x 17 cm
Número páginas	288	254	384
Diagramação da	Texto único	2 colunas	2 colunas
Imagens	4 mapas/10 figuras	4 mapas 33 figuras /23 novas	3 mapas/13 figuras

⁵ Também tem capítulos em duas coletâneas publicadas por outras editoras.

⁶ Apesar da solicitação junto à Editora, até o momento não obtivemos os dados de tiragem das obras em cada edição.

⁷ Por exemplo, o livro é adotado em cursos de educação a distância, com primeira capa da Universidade que ministra e, a seguir, a capa original da obra.

Sumário da obra	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação - Introdução - 5 unidades/12 capítulos - Índice onomástico - Indicações bibliográficas 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação - 13 capítulos - Índice de nomes - Indicações bibliográficas - Sobre a autora 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação - Introdução - 12 capítulos - Orientação bibliográfica - Bibliografia básica - Bibliografia geral - Índice de nomes com breve biografia
Organização dos capítulos	<ul style="list-style-type: none"> - Epígrafe - Contexto histórico - Educação - Pedagogia - Educação Brasileira (a partir do Capítulo 7) - Dropes (excertos de autores) - Atividades (questões) - Leituras complementares 	<ul style="list-style-type: none"> - Epígrafe - Contexto histórico - Educação - Pedagogia - Parte II: Educação Brasileira (a partir do capítulo 7) - Dropes - Leituras complementares - Atividades (questões, análise do texto, pesquisa) 	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução - Contexto histórico - Educação - Pedagogia - Dropes - Leitura complementar - Atividades (questões gerais e questões sobre a leitura complementar) - Sites para consulta

Quanto à materialidade, observa-se mudanças significativas da primeira para a terceira edição. Na primeira edição, o formato do livro é menor, em relação às demais edições, apresenta 4 mapas e 10 figuras em preto e branco. Na segunda edição, com a mudança do tamanho do volume, há alterações: a redução do número de páginas, mesmo com o acréscimo de um capítulo (sociedades tribais: a educação difusa); a formatação em duas colunas; a inclusão de vinte três imagens novas em preto e branco.

É na terceira edição que se constata mudanças significativas na materialidade da obra e no conteúdo, um cuidado maior com a diagramação, qualidade do papel, uso de duas cores (os dropes e as atividades são destacados em quadros na cor argila, contrastando com o fundo branco da página). A capa e as imagens que introduzem os capítulos, em número de 12, (página par), no tamanho integral da folha, coloridas em duas cores - argila e branco. O uso das imagens é ilustrativo, não havendo nenhuma alusão às figuras no corpo do texto.

Na primeira e segunda edição, as capas não apresentam uma vinculação direta com a temática da obra. Na figura 1, a capa é composta com a foto de uma caixa de giz coloridos. Já na figura 2, a capa reproduz o quadro de Tsing-Fang Chen, intitulado “Human Achievement”.

Figura 1: Capa 1989

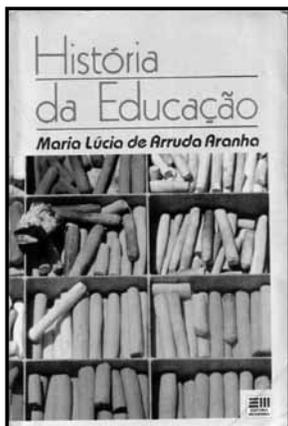


Figura 2: Capa 1996

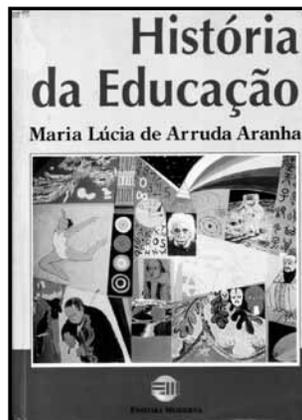
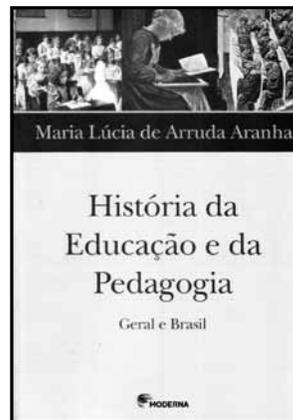


Figura 3: Capa 2006



Na terceira edição (figura 3) há mudanças significativas no projeto editorial, especialmente quanto à contracapa, que traz imagens representando diferentes contextos vinculados à história da educação e da escola: uma sala de aula de meninas e outra do Renascimento; uma moça lendo.

Figura 4: Capa 2006



Na contracapa: uma sala de aula; poetisa grega Safo; uma estudante frente ao computador (figura 5).

Figura 5: Contracapa (2006)



Em todas as edições, a contracapa apresenta uma breve descrição da obra, ressaltando sua importância e inovação. Um destaque ressaltado é da autora integrar a discussão dos aspectos políticos, econômicos e sociais vinculados à educação, e buscar “nos pressupostos filosóficos o fio condutor que auxilia a interpretação dos fatos históricos”. Outra “inovação” mencionada é o fato de abordar a educação e a pedagogia como tópicos separados, com referência ao contexto histórico de cada período. Também informa ao leitor interessado, que a “educação brasileira não constitui uma unidade à parte, mas se acha integrada à história da educação universal”. Essa sistemática se mantém, com a observação de que é um diferencial em relação às obras similares. No entanto, a partir do capítulo referente ao “Renascimento: humanismo e Reforma”, a organização dos capítulos divide-se em duas partes: uma geral e outra relativa ao Brasil, como unidades distintas, sem conexão.

A obra segue uma dinâmica organizacional com pouca variação entre as edições: apresentação da obra e uma introdução elementos sempre presente, assim como o índice de nomes e indicações bibliográficas. Na primeira edição (1989), a obra esta dividida em cinco unidades, com 12 capítulos. Essa divisão desaparece nas demais edições, somente variando o número de capítulos: 13 (1996) e 12 (2006).

Quadro 2. Unidade/Capítulos e Tópicos nos Sumários das três edições

1989	1996	2006
Unidade	Capítulo	Capítulos
I. Questões preliminares 1. Introdução à Filosofia 2. A importância da história da educação	1. Importância da história da educação	Introdução: História e história da educação
II. A Educação na Antiguidade 3. Antiguidade Oriental: a educação tradicionalista 4. Antiguidade grega: a paidéia 5. Antiguidade romana: a humanitas	2. Sociedades tribais: a educação difusa 3. Antiguidade Oriental: a educação tradicionalista 4. Antiguidade grega: a paidéia 5. Antiguidade romana: a humanitas	1. Comunidades tribais: a educação difusa 2. Antiguidade Oriental: a educação tradicionalista 3. Antiguidade grega: a paidéia 4. Antiguidade romana: a humanitas
III. A Educação medieval 6. Idade Média: a formação da fé	6. Idade Média: a formação do homem de fé	5. Idade Média: a educação mediada pela fé
IV. A Educação Moderna (universal e brasileira) 7. Renascimento: a nova imagem do homem 8. Idade Moderna: a pedagogia realista 9. Iluminismo: o ideal liberal de educação	7. Renascimento: humanismo e Reforma Parte I: A nova imagem do homem Parte II. Brasil: início da colonização e catequese 8. Idade Moderna: a pedagogia realista Parte I: O século do método Parte II. Brasil do século XVII 9. Século das Luzes: o ideal liberal de educação Parte I: A pedagogia liberal e laica Parte II. Brasil na era pombalina	6. Renascimento: humanismo, Reforma e Contrarreforma Parte I: Renascença europeia Parte II. Brasil: catequese e início da colonização 7. Século XVII: a pedagogia realista Parte I: O século do método Parte II. Brasil do século XVII 8. Século das Luzes: o ideal liberal de educação Parte I: A pedagogia liberal e laica Parte II. Brasil na era pombalina

V. A Educação Contemporânea (universal e brasileira)	10. Século XIX: a educação nacional	9. Século XIX: a educação nacional
10. Século XIX: a organização da educação nacional	Parte I: A organização da educação pública	Parte I: A organização da educação pública
11. Século XX: a educação para a democracia	Parte II. Brasil: a educação no Império	Parte II. Brasil: de colônia a Império
12. A educação brasileira no século XX	11. Século XX: a educação para a democracia	10. Educação para a democracia
	12. Brasil no século XX: o desafio da educação	11. Brasil: a educação contemporânea
	13. A educação no terceiro milênio	12. Para onde vai a educação?

Para Aranha (1989, p. 15), a obra tem um “olhar prospectivo” à história da educação. Isto é, pretende que o leitor, ao findar a leitura e realizar as atividades recomendadas, que “não caia no desalento” e nem tenha “um sonho visionário”, mas que o conhecimento histórico adquirido permita “os meios adequados para que torne o projeto de mudança da educação realmente exequível”. Dessa perspectiva, a organização interna de cada capítulo, depois dos tópicos de conteúdo, apresenta a seção “Dropes”, que consiste em excertos curtos de informação, curiosidades, que têm a função “de oferecer uma diversificação temática”, com fatos *pitorescos* do período estudado.

Quantos alunos passavam por uma escola [grega]? Veja o exemplo de Isócrates que, em mais de 50 anos de magistério, recebeu pouco mais de cem alunos... (Janine Assa, 1989, p. 58).

Veja alguns grafites representativos da “revolta” estudantil de 1968: É proibido proibir; Não mude de emprego, mude o emprego de sua vida; A barricada fecha a rua, mas abre o caminho; o sonho é a realidade; [...]. (nas três edições)

A seguir, o manual tem a seção “Leituras complementares”, que, segundo a autora, objetiva “ampliar as discussões e colocar o aluno em contato com textos originais de diferentes autores”. Na primeira e segunda edição há permanência das indicações, com algumas inclusões decorrentes da alteração formal da distribuição do conteúdo da obra: o novo capítulo – “Sociedades Tribais: a educação difusa”, com o texto de Pierre Clastres intitulado “A tortura nas sociedades primitivas”; o capítulo “A educação no terceiro milênio, com duas leituras (Eduardo Galeano – O futebol; Adam Schaff – *Homo studiosus* – *homo universalis*); a de Luiz Alves de Matos para o Brasil no século XVII - A Educação e a realidade social; e a de Fernando de Azevedo sobre a reforma pombalina.

Na terceira edição, a seção é reformulada, mantendo poucos dos textos das edições anteriores. Há uma reformulação significativa, com a presença de autores mais atuais e representativos da Nova História, História Cultural, História da educação, nacionais e internacionais.

Quadro 3. Textos e autores da seção “Leituras complementares”.

Capítulos	1989/1996	2006
Introdução	A Escola única. Gramsci A História da Educação. Saviani. Destruição da memória.	O Trabalho do Historiador. Andre Burguière Para que a história da educação? António Nóvoa
Sociedades Tribais: a educação difusa (1996)	A tortura nas sociedades primitivas. Pierre Clastres	A tortura nas sociedades primitivas. Pierre Clastres Américo Vespúcio tinha razão. Paula Caleffi
A Educação na Antiguidade	Jornada ao Oriente. Theodore Roszak A Educação como conversão da alma. Platão A Educação. Aristóteles Dos Deveres. Cícero A Educação da criança. Quintiliano	A palavra, a escrita e o sujeito. Georges Kutukdjiam Civilização e Barbárie. Aranha e Martins A Educação como conversão da alma. Platão Artes liberais e artes mecânicas. Aristóteles O que é ser cidadão. Jaime Pinsky A Educação da criança. Quintiliano O ensino do direito. H-I Marrou
A Educação Medieval	O Pedagogo. Clemente de Alexandria Cristo ensina interiormente, o homem avisa exteriormente pelas palavras. Santo Agostinho As confissões de Golias.	Educação e imaginário popular. Franco Cambi
A Educação Moderna. Universal e Brasil	Carta de Gargantua e Pantagruel. Rabelais Fragmentos de “Ensaio”. Montaigne Regras do “Ratio Studiorum”. Leonel Franca A Educação dos culumins. Gilberto Freire Didática magna. Comênio A Educação e a realidade social. Luiz A. de Mattos Fragmentos de Emílio. Rousseau A etiqueta no Antigo Regime. Renato J. Ribeiro A reforma pombalina. Fernando de Azevedo	Regras do “Ratio Studiorum”. Leonel Franca A Maloca indígena. K. Hamada e Valéria Adissi Didática magna. Comênio A Educação e a realidade social. Luiz A. de Mattos A Educação de Emílio. Rousseau A cultura moral. Immanuel Kant A educação da mulher. Maria B. Nizza da Silva

A Educação Contemporânea Universal e Brasil	O Panopticon. Michel Foucault O Ateneu. Raul Pompéia A Educação no Império. Fernando de Azevedo Democracia e Educação. J. Dewey As pedagogias não-diretivas. G. Snyders O Trabalho Pedagógico. Ildeu M. Coelho A situação da Filosofia. Marilena Chauí	A Bildung alemã. Franco Cambi O Panopticon. Michel Foucault Escolas de improviso. Luciano Faria Fº e Diana Vidal Democracia e Educação. J. Dewey As pedagogias não-diretivas. G. Snyders O todo tem suas qualidades próprias. Edgar Morin Desafios presentes e futuros. Sérgio Haddad e M. Clara Pierro A organização dos conhecimentos da criança. Anísio Teixeira Forma e conteúdo. Dermeval Saviani
A Educação no terceiro milênio (1996) Para onde vai a educação (2006)	O futebol. Eduardo Galeano Homo studiosus – homo universalis. Adam Schaff	Escola, comunidade com projeto. Isabel Alarcão O potencial da democratização. Ladislau Dowbor

Após a seção “Leituras complementares”, são apresentadas “Atividades”, divididas em “questões gerais”, que procuram orientar a compreensão do capítulo, a partir de perguntas com vários níveis de complexidade; e “questões sobre as leituras complementares”, que pretendem ampliar as discussões e temas de pesquisa. Na terceira edição, essa seção é reformulada e aumentada significativamente, orientando pesquisas para que o aluno vá além. Esse fato decorre do aumento dos conteúdos trabalhados em cada capítulo e das leituras complementares, o que pode ser uma evidência da preocupação com a ampliação do conhecimento do aluno, instigando-o para ir além do texto, mesmo que seja conduzido pelas atividades propostas.

Por exemplo, no capítulo 11 – Brasil: educação contemporânea, a autora propõe a análise do artigo 213 da Constituição de 1988, sobre os recursos públicos serem destinados às escolas públicas, podendo ser dirigidos às escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas, definidas em lei, são propostas duas questões:

- a) Explique o teor da polêmica que antecedeu a aprovação desse artigo no Congresso Constituinte.
- b) Faça referências a fatos da história da educação brasileira que justifiquem como esta questão da destinação das verbas públicas é bem antiga. (2006, p.353)

Quanto ao índice onomástico/de nomes não há alteração nas duas primeiras edições. Na terceira edição, a autora acrescenta uma brevíssima biografia (ano de nascimento e morte) e algum dado de identificação: “AZEVEDO, Fernando (1894-1974). Educador, crítico, ensaísta e sociólogo” (2006, p. 375)⁸.

⁸ Esses acréscimos muitas vezes não caracterizam objetivamente o autor. Por exemplo: “CAMARA BASTOS, Maria Helena. Professora e pedagoga brasileira contemporânea (2006, p.376)”, quando, na realidade, a formação é em História.

A seção Indicações bibliográficas/orientação bibliográfica, que tem o objetivo de “ampliar as possibilidades de pesquisa” (2006, p. 10), é dividida em várias subseções, não havendo alterações significativas entre a primeira para a segunda edição. Há somente um remanejamento de títulos, com poucas referências novas [17 títulos, especialmente na bibliografia geral, com a inclusão de obras tanto brasileiras (Luiz Alves de Matos, Marta Kohl de Oliveira, Maria Elizabete Xavier, outros títulos de Dermeval Saviani), como estrangeiras (Jésus Palácios, Boaventura de Souza Santos, Adam Schaff, L. Vykotsky)]. Há uma única referência de autor estrangeiro da área da História: Philippe Ariès – História social da criança e da família. As Coleções são da própria editora Moderna (Logos, Polêmica), da Cortez (Polêmicas do nosso tempo) e da Brasiliense (Primeiros passos, Primeiros voos, Tudo é História).

Quadro 4: Indicações bibliográficas/Orientação bibliográfica

1989 - 1ª ed. Indicações bibliográficas (p.284-288)	1996 - 2ª ed. Indicações bibliográficas (p.249-254)	2006 - 3ª ed. Orientação bibliográfica (p.370-374)
Introdução à Filosofia (10 obras)	História da Educação (14 obras)	História da educação e da pedagogia (21 obras)
História da Filosofia (7 obras)	História Geral e do Brasil (9 obras)	Dicionários (pedagogia, filosofia, história e outros) (10 obras)
Dicionários de Filosofia (7 obras)	História da Filosofia (8 obras)	Revistas (10)
Dicionários de Pedagogia (6 obras)	Introdução à Filosofia (13 obras)	Coleções (11 obras)
História da Educação (12 obras)	Dicionários de Pedagogia (7 obras)	Orientação para trabalhos (2 obras)
Revistas (5)	Dicionários de Filosofia (8 obras)	Bibliografia geral (86 obras)
Coleções (6 obras)	Revistas (5)	
Orientação para trabalhos (2 obras)	Coleções (8 obras)	
Bibliografia geral (55 obras)	Orientação para trabalhos (3 obras)	
	Bibliografia geral (68 obras)	

Na terceira edição, a orientação bibliográfica altera-se tanto na organização quanto nos títulos. Há também um aumento expressivo nas revistas indicadas, mantendo as da primeira e segunda edição (Cadernos Cedes, Cadernos de Pesquisa, Educação & Sociedade, Fórum Educacional, Revista da Andes), com novos títulos – Educação, Pró-Posições, Revista Brasileira de Educação, Revista Brasileira de História da Educação, Revista Nova Escola. Nas obras que compõem a bibliografia geral é importante destacar os autores estrangeiros de presença significativa no cenário nacional, especialmente nos cursos de formação de professores - Jacques Delors, Edgar Morin, Jaume Carbonell Sebarroja.

A subseção História da Educação traz os manuais clássicos da disciplina, que estão presentes nos planos da disciplina desde o início do século XX. Por exemplo, a

obra de Francisco Larroyo é de 1944, mas a autora indica a quarta edição atualizada (Ed. Mestre Jou, 1974), que apresenta o apêndice de Célio Cunha “A Educação no Brasil”. Há também um remanejamento de referências entre os tópicos: a obra *Tratado de Ciências Pedagógicas* (DEBESSE; MIALARET, 1974), primeiro volume compunha a bibliografia geral; em 2006, é indicado o segundo volume.

Há uma atualização na bibliografia da história da educação e da pedagogia (Geral e Brasil), com a incorporação de títulos publicados a partir de 2000 (Franco Cambi, Maria Lúcia Hilsdorf, Mario Manacorda, Maria Stephanou & Maria Helena Camara Bastos⁹, Diana Vidal, Saviani & Lombardi, Sociedade Brasileira de História da Educação).

Quadro 5. Indicações bibliográficas de História da Educação¹⁰

História da Educação (1989 e 1996)	História da Educação e da Pedagogia (2006)
ABBAGNO&VISALBERGHI. História da pedagogia (1957/1981-82)	ABBAGNO&VISALBERGHI. História da pedagogia (1957/1981-82)
EBY, Frederick. História da educação moderna (1952/1962)	CAMBI, Franco. História da Pedagogia (1996)
HUBERT, René. História da Pedagogia. (1949/1957)	DEBESSE&MIALARET. Tratado de Ciências Pedagógicas (1974)
LARROYO, Francisco. História Geral da Pedagogia (1944/1974)	EBY, Frederick. História da educação moderna (1952/1962)
LUZURIAGA, Lorenzo. História da Educação e da Pedagogia (1951/1955)	GADOTTI, Moacir. Pensamento Pedagógico brasileiro (1995)
LUZURIAGA&MEDINA. História da educação pública (1959)	HILSDORF,M.L.História da educação brasileira: leituras (2005)
LUZURIAGA&MEDINA. A pedagogia contemporânea (1951)	HUBERT, René. História da Pedagogia (1949/1957)
MONROE, Paul. História da Educação (1905/1939)	LARROYO, Francisco. História Geral da Pedagogia (1944/1974)
PONCE, Aníbal. Educação e lutas de classe (1934/1968)	LOMBARDI&NASCIMENTO.Fontes, história e historiografia da educação (2004)
RIBEIRO, M.L. História da educação brasileira (1986)	LUZURIAGA, Lorenzo. História da Educação e da Pedagogia (1951/1955)
ROMANELLI, Otaíza. História da Educação no Brasil (1978)	MANACORDA, Mário. História da educação: da antiguidade aos nossos dias (1983/1989)
ROSA, M. Glória. A história da educação através de textos (1971)	MARROU, H-I. História da educação na Antiguidade (1948/1969)

⁹ A Coleção organizada pelas autoras - “História e Memórias da educação no Brasil (Vozes, 3 v. 2004/2005) - é amplamente utilizada em excertos nas seções “Leituras complementares” e/ou “Dropes” (com 12 referências)

¹⁰ Optou-se em colocar a data primeira edição da obra e da tradução no Brasil, pois esses manuais tiveram várias edições, e não a indicada pela autora, para evidenciar a permanência de alguns clássicos da área.

*MARROU, H-I. História da educação na Antiguidade (1948/1969)	MONROE, Paul. História da Educação (1905/1939)
*XAVIER, M.E ata lii. História da educação. A escola no Brasil (1974)	PONCE, Aníbal. Educação e lutas de classe (1934/1968)
	RIBEIRO, M.L. História da educação brasileira (1986)
	ROMANELLI, Otaíza. História da Educação no Brasil (1978)
	ROSA, M. Glória. A história da educação através de textos (1971)
	SAVIANI, D (org.). História e História da educação: o debate teórico-metodológico atual (2000)
	SAVIANI, D (org.). O legado educacional do século XX no Brasil (2004)
	SBHE. Educação no Brasil: história e historiografia (2001)
	STEPANOU&BASTOS (org). Histórias e memórias da educação no Brasil (3 v. 2004/2005)
	VIDAL&HILSDORF. Brasil, 500 anos: tópicos em História da Educação (2000).

* Somente na 2ª edição (1996)

O amplo espectro de autores recomendados e citados evidencia que a escrita dos manuais resulta de ampla pesquisa bibliográfica, de obras clássicas da historiografia da história da educação, incorporando, na terceira edição, obras de pesquisadores representativos de uma nova visão da disciplina – na perspectiva de uma história cultural, especialmente quanto à história da educação brasileira.

Quanto à circulação, além do fato de ter três edições revistas e ampliadas, há vários indícios da permanência de adoção/utilização do manual de Aranha. Décio Gatti (2009), ao analisar programas de ensino da disciplina de 55 cursos de Pedagogia no Brasil, lista os autores mais citados e o número de citações: Maria Lúcia Aranha aparece em 18 planos. Mora Garcia (2011, p153), ao abordar a História da Educação no Brasil no estudo comparado que faz com Argentina, Colômbia e Venezuela, elenca Aranha entre algumas das obras mais representativas da área. Em 2013, a revista Nova Escola, da Editora Abril, publicou uma série “História da Educação no Brasil: de onde vem para onde vai a escola brasileira”¹¹, em seis números de junho a dezembro. Os textos decorreram de entrevistas com pesquisadores da área, mas as jornalistas também consultaram e indicaram a obra de Aranha, que podemos pensar ter sido um guia que orientou a série.

¹¹ 1. Início da Colônia: O ensino como catecismo (jun/jul. 2013); 2. Fim da Colônia e Império: Mestres quase nobres (ago.2013); 3. Primeira República: Um período de reformas (set. 2013); 4. Era Vargas: Profusão de ideias (out. 2013); 5. Ditadura Militar: As aulas para o trabalho (nov. 2013); 6. Pós-ditadura até os dias de hoje: Qualidade para todos (dez. 2013).

História, História da Educação e da Pedagogia

O tempo é o sentido da vida.
 (sentido: como se diz o sentido de um riacho,
 o sentido de uma frase, o sentido de um pano,
 o sentido do odor). Paul Claudel

A epígrafe de Paul Claudel abre as duas primeiras edições da obra de Maria Lúcia Aranha. É o mote para abordar as noções de tempo, história, memória, história da educação. A autora apresenta a ideia que o “homem é feito de tempo” e, dessa forma, é sujeito da história, “se autoproduz e ao mesmo tempo produz sua própria cultura” (1996, p. 15).

A abordagem dos conceitos história, história da educação e da pedagogia está presente nas três edições. Na primeira (1989), integra a unidade 1 - Questões preliminares -, com dois tópicos: Introdução à Filosofia (com a subdivisão: Introdução, As distorções do processo, As consequências para a educação, A importância da filosofia, Educação e ideologia, Conclusão); A importância da história da educação (com a subdivisão: o homem é um ser histórico, A história da história, A história da educação, Um olhar prospectivo). Na segunda edição (1996), o título altera-se para “Importância da história da educação”, com sete partes, que mantêm praticamente a mesma divisão anterior, com pequenas variações (O homem é feito de tempo, Educação e ideologia, Questionando a educação, Reconstituindo o passado, A história da história, História da educação, Um olhar prospectivo). Na terceira edição (2006), o tópico “História e História da Educação” é a introdução do livro, com as unidades: Somos feitos de tempo; A história da história, com o subitem - As antigas concepções de história, História moderna e contemporânea; História da Educação; Conclusões. Para a autora, o capítulo “introdutório” tem o objetivo de “distinguir duas funções da história da educação: a de docência e a de pesquisa”, ambas exercendo influência na política educacional (2006, p. 25).

Na primeira edição (1989), na apresentação, Aranha afirma que “toda história da educação pressupõe uma filosofia da educação, que fornece o fio condutor”. Nessa perspectiva, na primeira unidade “questões preliminares”, apresenta uma introdução à filosofia, salientando sua importância para a educação. A partir da epígrafe de Bernard Charlot, retirada de sua obra “A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação” (1983), esboça as finalidades da educação

Definir os fins educativos é definir, ao mesmo tempo, a sociedade, a cultura e o homem que se quer promover. Educar é realmente cultivar a criança para dela fazer um homem. (...) Toda imagem do homem é uma imagem social. Fixar fins para a educação é escolher um tipo de homem, portanto de homem social, portanto de sociedade. Elaborando fins educativos, opta-se por um modelo, ao mesmo tempo, do homem e da sociedade. Essa escolha não é abstrata e intemporal. Há tantas escolhas possíveis quanto classes e grupos em conflito, pois a determinação dos fins pedagógicos exprime esse conflito. (CHARLOT, 1983, apud ARANHA, 1989, p. 2)

Com esse mote, a autora pretende explicitar os principais conceitos que vai utilizar ao longo de sua obra: história, “como interpretação da ação humana transformadora no tempo”; pedagogia, “como teoria crítica da educação, isto é, da ação do homem ao transmitir ou modificar a herança cultural”; condição humana, como “resultante do conjunto das relações sociais”; ideologia, como “fenômeno típico da sociedade dividida em classes, em que a classe dominada não percebe a divisão existente e assume os valores da classe dominante, não atingindo a consciência própria da classe a que pertence” (1989, p. 8). Aborda, ainda, a “história da história”, trazendo as diferentes concepções teóricas: o positivismo, com as noções de processo, progresso; a dialética marxista; a Escola dos Annales; o pós-modernismo.

Para a História da educação assinala a importância de estudá-la a partir do contexto histórico, pois considera que as “questões de educação são *engendradas* nas relações que os homens estabelecem ao produzir sua existência” (1996, p.19). Além disso, assinala que se conhece “melhor a história da pedagogia ou das doutrinas pedagógicas do que propriamente das práticas efetivas da educação”. Para referendar sua opinião, apoia-se em Casemiro dos Reis Filho¹², que assinala a necessidade de estudos analíticos da realidade educacional, a fim de que “o conhecimento histórico seja capaz de fornecer à reflexão filosófica o conteúdo da realidade sobre a qual se pensa, tendo em vista descobrir as diretrizes e coordenadas da ação pedagógica” (REIS FILHO, 1981, p.2, apud ARANHA, 1996, p. 19).

Na introdução da terceira edição (2006), com o avanço da área da História da Educação como disciplina e campo de pesquisa, Aranha cita a fundação da Sociedade Brasileira de História da Educação/SBHE (2000). Apresenta a fala de Dermeval Saviani, que também salienta a importância da “dimensão histórica dos problemas enfrentados, não apenas para manter e deixar disponível o registro das informações, mas alertar os responsáveis pelos rumos da educação no país trazendo à baila, nos momentos oportunos, as informações que, por ofício, eles detêm” (2006, p.26).

Aranha, ao finalizar a introdução nas três edições, indica ao leitor o “fio condutor” que a orientou na elaboração dos capítulos do livro e que deve ser a meta de toda educação – a busca de uma escola verdadeiramente democrática, entendida como:

escola universal, leiga e gratuita; escola única, que não separe formação e profissionalização, saber e fazer, trabalho intelectual e trabalho manual; integração entre escola e comunidade; adequada formação dos educadores quanto aos três aspectos de competência, politização e profissionalização, e ainda mais, visando à formação de educadores, como também de pedagogos, historiadores da educação, cientistas da educação e filósofos da educação. (ARANHA, 1989, p. 9)

A autora considera que o conhecimento proporcionado pela história da educação e da pedagogia possibilita atingir as metas que propõe ao leitor, a partir de um “olhar prospectivo”, que permita buscar os “meios adequados que tornem o projeto de mudança da educação realmente executável” (1996, p.20). É interessante observar que a autora

¹² A Educação e a ilusão liberal (1981)

visa com sua obra não só a formação de pedagogos, mas de “historiadores da educação, cientistas da educação, filósofos da educação”, sem explicitar qual o papel de cada um.

Finalizando

A análise das edições da obra de Maria Lúcia Arruda Aranha, uma produção acadêmica para subsidiar a disciplina História da educação nos cursos de formação docente, tanto de ensino médio como superior, é uma referência na área, pela circulação e apropriação, conforme já assinalado. Pelo conteúdo e estrutura, sinaliza para uma tradição disciplinar adotada ao longo do século XX e ainda hoje presente nos cursos de formação de professores; em concursos.

O manual analisado apresenta as quatro grandes características identificadas por Nóvoa (1994, p.31): uma atenção privilegiada às ideias dos grandes educadores do passado, as quais são apresentadas quase sempre a partir de um mesmo olhar e, muitas vezes com palavras idênticas; uma evocação cronológica, que inicia, regra geral, nos tempos mais remotos das civilizações “primitivas” e termina com os educadores do século XXI; uma ideologia progressista (conservadora), no sentido de que a educação é contada como uma epopeia e como um movimento de aperfeiçoamento da humanidade; uma concepção positiva, de crença nas potencialidades do novo movimento científico (ciência da educação, psicologia, sociologia), bem ilustrada pelo capítulo final destes manuais¹³. Mesmo trazendo em todos os capítulos o contexto histórico de cada época, Aranha adota, conforme Nóvoa (1994), a perspectiva de apresentar o processo civilizacional visto pelos fatos educativos e perspectivas pedagógicas.

Os manuais são dispositivos discursivos que nos permitem apreender o universo da História da Educação tal como ele tem sido concebido e ensinado. Em uma perspectiva diacrônica, sublinha-se a permanência, em grande parte, das finalidades, perspectivas, temas e conteúdos, que chegam até aos dias de hoje (MOGARRO, 2007, p. 215), assim como as categorias de temporalidade, facticidade e memorialidade que marcam a investigação e ensino no campo disciplinar (SANTOS, 2007, p.232).

Para Magalhães (2011, p. 9), o manual escolar, no plano histórico, é muro do tempo e memória do futuro, pois dá configuração, ordem e significado à cultura escolar e faz da escolarização o caminho do futuro. Permite aos pesquisadores analisar o conhecimento veiculado, os referenciais privilegiados, a consonância com os programas de ensino recomendados e a experiência docente do autor.

No Brasil, enquanto a década de noventa, do século XX, foi dedicada à ampliação da pesquisa e da discussão historiográfica da educação, com novos temas e com novas e múltiplas abordagens (GHIRALDELLI, 1993, p.50); a primeira década do século XXI necessita centrar esforços no sentido de se aproximar da sala de aula, dos cursos de formação de professores, da rica produção de pesquisa, revendo os conteúdos,

¹³ Esses modelos difundiram-se por todo o mundo ocidental, “com vistas à oficialização de uma ordem escolar e de saberes pedagógicos modernos” (CARUSO, 2003, p. 1), que, desde os finais do século XIX, têm sido “um empreendimento mundial, universal e universalista” (SCHRIWER, 2001), especialmente para a profissionalização docente.

procedimentos didáticos e bibliografia dos programas das disciplinas de História da Educação e da História da Educação do Brasil. Nessa perspectiva, a análise dos manuais que circulam nessas primeiras décadas do século XXI permite que avancemos na proposta e ampliação da disciplina, na graduação¹⁴ e pós-graduação, instigando os professores a terem novos olhares e adotarem novas abordagens na produção de materiais didáticos, em diferentes mídias.

Uma pergunta que nos instiga como pesquisadores: porque da longevidade da adoção do manual de Maria Lúcia Arruda Aranha? Podemos aventar algumas hipóteses: boa aceitação e estímulo do mercado editorial; a estrutura formal dos currículos, que se refletem nos modelos dos manuais; os concursos que mantêm a tradição historiográfica da disciplina; a condensação do conteúdo disciplinar em um único dispositivo; as compras significativas que faz o governo federal para o programa da biblioteca escolar. Para Gatti (2004), a permanência de uma obra está muito relacionada à capacidade das editoras disponibilizarem, a título de propaganda, exemplares dos livros aos professores responsáveis pelas disciplinas a que a obra se vincula, o que é muito caro, sendo que poucas têm esta possibilidade. Assim, lembrando que este conteúdo de História da Educação esteve relacionado até pouco tempo com a Habilitação Específica do Magistério e presente em inúmeros cursos de Pedagogia no Brasil, parece ser esta é uma hipótese expressiva, mas que merece maior investigação.

Referências

- ARANHA, Maria Lúcia Arruda. História da Educação. São Paulo: Moderna, 1989.
- ARANHA, Maria Lúcia Arruda. História da Educação. São Paulo: Moderna, 1996. (2ª ed. rev. ampl.)
- ARANHA, Maria Lúcia Arruda. História da Educação e da Pedagogia. Geral e Brasil. São Paulo: Moderna, 2006. (3ª ed. rev. ampl.)
- BASTOS, M.H.C. Pedagogia e manuais: leituras cruzadas. Os manuais de História da Educação adotados no Brasil (1870-1950). In: BESTANI, Rosa M.; BRUNETTI, Paulina; SÀNCHEZ, Ana M. Martinez; FLACHS, M. Cristina Veras (Org.) Textos, autores y bibliotecas. 190 años de la Biblioteca Mayor de la UNC. Córdoba/Arg: BAEZ, 2011, v. 1, p. 346-357.
- BASTOS, Maria Helena C.; MOGARRO, Maria João. Manuais de História da Educação em Portugal e Brasil. (Segunda metade do século XIX - Primeira metade do século XX).

¹⁴ O desafio é estender a disciplina para os demais cursos de formação de professores, pois os futuros docentes devem ter oportunidade de refletir sobre a natureza, as finalidades, as origens e as transformações do seu ofício, o que “contribui tanto para o desenvolvimento da reflexão pedagógica como para o debate democrático sobre a educação nas sociedades” (MEIRIEU, 1998, p.XIV). Em algumas universidades do Rio Grande do Sul (UFRGS, UNISINOS, UNILASALLE), a disciplina também é ministrada para as outras licenciaturas, como obrigatória ou optativa. Um exemplo, é da UNILASALLE (Canoas/RS), em que a disciplina História da Educação é ministrada em 90% dos cursos de licenciatura, com a carga horária de 60 a 72 horas-aula. A inclusão da disciplina, como obrigatória nos demais cursos, foi efetivada a partir de 1999, no curso de Filosofia; de 2000 a 2002 nos demais cursos.

- In: ARAÚJO, Marta Maria; INÁCIO FILHO, Geraldo (Org.). *História Comparada da Educação*. Brasília: Liber, 2009. p. 241-283
- BORGES, Bruno G.; GATTI JR, Décio. O Ensino de História da Educação na Formação de Professores no Brasil Atual. *Revista HISTEDBR On-line*, v. 40, p. 24-48, 2010.
- CARUSO, Marcelo. *La oficialización del método lancasteriano. América Latina en el contexto del movimiento internacional por la educación mutua*. In: VI Congreso Iberoamericano de Historia de la educación Latinoamericana: Historia de las ideas, actores e instituciones educativas. San Luis Potosi/México, 19 a 23 de mayo 2003. Mimeo. 24 pp.
- CORREIA, Antonio Carlos da Luz; PERES, Eliane. Aprender a ser professor a través de los libros: representación profesional, currículum escolar y modelos de aprendizaje em los manuales de pedagogia y didáctica para la formación de profesores de enseñanza primaria em Portugal (1870-1950). In: SAUTER, Gabriela Ossembach; RODRÍGUEZ, Miguel Somoza (Org). *Los manuales escolares como fuente para la historia de la educación em América Latina*. Madrid: UNED, 2001.
- GATTI Jr., Décio. Investigar o Ensino de História da Educação no Brasil: categorias de análise, bibliografia, manuais didáticos e programas de ensino (Séculos XIX e XX). In: GATTI Jr., Décio; MONARCHA, Carlos; BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). *O Ensino de História da Educação em Perspectiva Internacional* (Coleção História, Pensamento e Educação; Série Novas Investigações, v.1). Uberlândia: Edufu, 2009, p. 95-130.
- GHIRALDELLI Jr., Paulo. *Três estudos em Historiografia da educação*. Ibitinga/SP: Editora Humanidades, 1993.
- HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: sua história*, São Paulo: EdUSP, 2005.
- MAGALHÃES, Justino. *O Mural do tempo. Manuais escolares em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri/Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2011.
- MEIRIEU, Philippe. Préface. In: GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice (Dir.) *La Pédagogie. Théories et pratiques de l'Antiquité à nos jours*. Montreal: Gaëtan Morin Éditeur, 1998. p.XI-XIV.
- MOGARRO, Maria João. A História da Educação nos Currículos de formação de professores: consolidar a História da Educação, pela construção de identidades. IN: PINTASSILGO, Joaquim et alii. *A História da Educação em Portugal. Balanço e perspectivas*. Porto: Asa, 2007, pp. 203-227.
- MORA GARCIA, José Pascual. Aproximación a una historia comparada de la Historia de la educación en América Latina: caso Argentina, Brasil, Colombia y Venezuela. *Revista Historia de la educación Latinoamericana*, vol. 13, n. 17, julio-diciembre, 2011. p. 139-174.
- NÓVOA, Antonio M. S.S. *História da Educação*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1994.
- ROULLET, Michele. *Les manuels de Pédagogie (1880-1920)*. Apprendre à enseigner dans les livres. Paris: PUF, 2001.

SANTOS, Maria Teresa. Perfil da História da Educação: conflito entre o empobrecimento efectivo e o potencial objectivo. In PINTASSILGO, Joaquim et alii. *A História da Educação em Portugal. Balanço e perspectivas*. Porto: Asa, 2007. p. 229-252.

SCHRIEWER, Jürgen. Formas de externalização no conhecimento educacional. Cadernos Prestige 5. Lisboa: Educa, 2001.

Recebido em abril de 2014
Aprovado em junho de 2014